

Artigos de Revisão

“Pode até ser lésbica, mas precisa escrever essa palavra?”: uma revisão sobre produções acadêmico-científicas sobre lesbianidades e Educação Física¹

“Puedes ser lesbiana, sí, se puede... ¿pero necesitas escribir esa palabra?”: una revisión sobre producciones académico-científicas sobre lesbianidades y Educación Física

“You may even be a lesbian, but do you really need to write that word?”: a review on scientific research about lesbianities and Physical Education



Maria Clara Elias Polo

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
mcepolo@gmail.com



Jose Miguel Nieto Olivar

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
jose-miguel@usp.br



Yara Maria de Carvalho

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
yaramc@usp.br

Resumo: Este trabalho apresenta as produções científicas que versam sobre *lesbianidades* nas revistas científicas da área de conhecimento Educação Física (EF). Seleccionamos revistas de Qualis Capes A1 a B4 cujo escopo se relaciona à EF. Utilizamos os termos de busca “Lésbica/s”; “Lesbianidade/s”; “Lesbofobia/s”; “Sapatão”; “Lesbianismo”. Das 34 revistas seleccionadas, encontramos 4 pro-

¹ Esse trabalho contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

duções científicas cuja temática se refere à lesbianidades. Apesar do interesse e esforço em canalizar o pensamento lésbico como uma prática de produção dos movimentos feministas, as produções teóricas/projetos ético-políticos concebidas por autoras e/ou pesquisadoras lésbicas e/ou que versem sobre as lesbianidades ocupam um espaço periférico e tímido na Educação Física.

Palavras-chave: lésbica, lesbianidades, educação física, revisão.

Resúmen: Este trabajo tuvo como objetivo buscar y presentar producciones científicas que aborden el tema del lesbianismo en revistas científicas del área de conocimiento Educación Física. Seleccionamos revistas cuyo alcance se relacione claramente con el área de conocimiento de EF. Después de elegir las revistas (*Qualis Capes A1 a B4*), buscamos producciones con los descriptores "Lesbiana/s"; "Lesbianidade/s"; "Lesbofobia/s"; "Sapatão"; "Lesbianismo". En 34 revistas seleccionadas, encontramos sólo cuatro producciones científicas cuyas temáticas hacen referencia al lesbianismo, A pesar de los crecientes esfuerzos e interés por canalizar el pensamiento lésbico como práctica productiva de los movimientos feministas las producciones teóricas/proyectos ético-políticos concebidos por autoras y/o investigadoras lesbianas ocupan un lugar periférico y tímido en el proceso de producción de conocimiento en Educación Física.

Palabras-clave: lesbiana, lesbianidades, educación física, revisión.

Abstract: This manuscript aimed to search and present scientific productions that address lesbianities in scientific journals in the Physical Education area of knowledge. We propose to select scientific journals whose scope clearly relates to the PE. After choosing the Journals (*Qualis Capes A1 to B4*), we searched for productions with the descriptors "Lesbian/s"; "Lesbianity/ies"; "Lesbophobia/s"; "Sapatão/Dyke"; "Lesbianism". In 34 scientific journals selected, we found only 4 scientific productions whose theme refers to lesbianities. Despite growing efforts and interest in channeling lesbian thought as a production practice of feminist

movements, theoretical productions/ethical-political projects conceived by lesbian authors and/or researchers occupy a timid space in the process of knowledge production in Physical Education.

Keywords: lesbian, lesbianities, physical education, revision.

Submetido em: 12/08/2024

Aceito em: 04/09/2024

1 Introdução

Embora os movimentos históricos de luta das mulheres, das lésbicas e das feministas possibilitem articulações que abalam categorias políticas, sociais e filosóficas de discursos dominantes, e de forma contundente, a hegemonia da norma heterossexual na sociedade ocidental e, especificamente aqui no Brasil, ainda guia boa parte das nossas relações e vivências. Esse modelo heterossexual está consolidado em termos de desejos, condutas afetivas e sexuais, linguagens, definições de feminilidade e masculinidade (Rich, 2010) e é orientado com base em uma referência: a do homem branco, de classe média urbana, cristão e... de preferência, com o corpo forte, viril.

Todas² aquelas que escapam dessa referência estão marcadas e definidas com base nela. Podemos dizer que existe uma lacuna entre o corpo percebido, o vivido e as normas sociais dominantes. Mesmo uma mulher que se identifica com o sexo atribuído ao nascer, precisa realizar um trabalho performativo árduo para incorporar essa designação na vida social (Butler, 2024). Por exemplo, lésbicas, sapatonas, “fanchas”, “caminhoneiras”, mesmo que cisgêneras, tentam assegurar e realizar o próprio gênero porque tacitamente entendem que nenhum ato isolado assegura esse acordo normativo.

No campo da Educação Física, muitas pesquisadoras da área do esporte, com destaque para a área de pesquisa sobre futebol feminino, debruçam-se, há alguns anos, para entender a relação entre imaginário da mulher “atleta”, da mulher com “músculos” (Silveira; Vaz, 2014a; 2014b), da mulher nos esportes entendidos e construídos socialmente como masculinos (Goellner, 2005; Wenzel; Schwengber Dornelles, 2013) e a relação dessa construção de “mulher” com o desejo de sua própria identidade (Mariante Neto; Wenzel, 2022). Esse processo infundável acontece devido às regulamentações no âmbito político, social e econômico que insis-

² Em alguns momentos, embora eu tente superar o binarismo da linguagem utilizando pronomes neutros, eu escolho utilizar termos no feminino para provocar o que é tradicionalmente explicado pelo conceito de “gênero não marcado”, exemplificado pelo masculino genérico. Aqui, eu uso o feminino intencionalmente para viabilizar o “feminino” e porque são os meus pronomes de preferência (ela/elu).

tem em produzir uma norma para uma forma complexa de corporificação, impondo um ideal binário e normativo que o sistema moderno colonial e europeu de binarismo de gênero perpetua.

As lésbicas e sapatonas, por mais “sapadrões” ou “sapatrícias”³ que possam vir-a-ser, não estão adequadas ao sistema normativo sexo-gênero-orientação. A própria lesbianidade é um deslocamento em relação a um regime, mas segue dentro do jogo de relações econômicas, políticas e ideológicas. Podemos nos apoiar em Wittig: “ser lésbica” não é apenas uma preferência ou uma orientação sexual (Wittig, 2022). Em acréscimo, inspiradas em Deleuze e Guattari (1997): “ser lésbica” não é uma essência e sim um movimento, um devir-lésbico. Estão em um lugar impróprio das tecnologias sexo-políticas normativas, mas não estão além do gênero.

Foi na segunda onda do feminismo que surgiu timidamente o “campo teórico” de produção de conhecimento sobre lesbianidades e seguiu como um tema espinhoso e até ausente nas teorias feministas, pois, à época, as feministas estavam ocupadas com problemas provocados pela divisão binária do social e papéis de gênero (Swain, 2015). Com efeito, ser lésbica foi um ponto conflituoso nas ondas do feminismo devido ao caráter heterossexista, racista e burguês que assumia a categoria “mulher” como universal (Curiel, 2007).

Vale ressaltar, no entanto, que embora os assuntos tangentes ao movimento lésbico não tenham sido incluídos nas reivindicações e movimentos feministas da segunda onda (que se estendeu dos anos 1960 até os anos 1980), a coletânea organizada por escritoras chicanas e lésbicas, Gloria Anzaldúa e Cherrie Moraga – *This bridge called my back: Writing by Radical Women of Color*, de 1981 –, reuniu e apresentou críticas sobre opressões heterossexuais, sexuais e raciais alertando para a impossibilidade de analisar todas essas categorias separadamente, incluindo enfaticamente as lesbianidades na pauta feminista.

O modelo homossexual que emergiu no século XIX tentou explicar homens e mulheres homossexuais em termos iguais, como se tivessem “causas” e características comuns, e as relações ínti-

³ “Caminhoneira”, sapatrícia, sapadrão são performances lesbianas. Importante ressaltar, com o aporte teórico-crítico de Judith Butler, que a performance supõe a pré-existência de um sujeito. Diferentemente de “performatividade”, que “contesta a própria noção de sujeito” (BUTLER, 2019, p. 33).

mas entre mulheres faziam parte de um *continuum* de relações derivadas das relações afetivo-amorosas e sexuais entre homens (Oliveira; Mattos, 2018). Se, desde a construção da história da homossexualidade, a identidade lésbica foi atrelada à homossexualidade masculina, o que se espera sobre a produção científica de estudos lesbianos atuais?

Quando lançamos um olhar para o campo científico e de atuação em Educação Física, há uma produção sólida de estudos que concluem que o espaço esportivo⁴, sistêmico⁵, demarca as hierarquias sociais de gênero e colabora para a naturalização de preceitos heteronormativos cristalizados na sociedade (Cunningham, 2012, 2019; Hartmann-Tews *et al.*, 2019). Em uma revisão sobre população LGBTQIAP+ e Educação Física, realizada entre os anos 2010 e 2020, encontramos apenas 14 estudos (Polo; Olivar; Tavares, 2022). Nenhum dizia respeito às mulheres lésbicas, especificamente. Nos resta questionar: onde nós estamos? Ou vivemos no meio acadêmico-científico apenas se construirmos uma devota relação com as outras letras da “sopa de letrinhas”⁶? Estamos camufladas?

A tarefa que se apresenta diante de nós é buscar compreender como (e se) a nossa voz está sendo ouvida, suprimida, considerada, erguida e/ou notada entre as revistas científicas da Educação Física. Além disso, podemos questionar: se estão falando de nós, estão falando de qual “nós”?

Esta última questão é estimulada pela urgência de apresentar o entendimento que “nem toda lésbica é igual”. A ilegitimidade sexual dirigida às lésbicas, o não-poder endereçado a elas, por fugirem da lógica androcêntrica/falocêntrica, não será entendido exclusivamente por serem lésbicas, mas também por uma rede

4 Não entendemos o esporte apenas como “esporte de rendimento e de participação”. Nesta pesquisa, o esporte é posicionado como um fenômeno que agrega práticas esportivas. É uma noção polissêmica dimensional, portanto, ampliada de sentidos, significados, dimensões e contextos, e não apenas uma atividade institucionalizada com a finalidade de comparar desempenhos (MARCHI JÚNIOR, 2015).

5 Sistema, jogo de palavras e utilização do prefixo “cis” em palavras cujos contextos não incorporam vivências, experiências e existências de pessoas que não são cisgêneras. Cf. “Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade”, de Viviane Vergueiro, pesquisadora transfeminista (VERGUEIRO, 2015).

6 Para compreensão da expressão “Sopa de letrinhas”, cf. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*, de Regina Facchini, publicado pela Garamond em 2006.

de fatores que poderão influenciar nessa “ilegitimidade”. Mesmo que os corpos lésbicos sejam locais discursivos e corpóreos, que o sistema de linguagem heterossexual não alcança (Wittig, 2022) ao abraçar o termo e categoria “lésbica” como algo universal e único, sem estabelecer intersecções com modalidades classistas, étnicas, etárias, regionais e raciais, apenas garante que as estruturas de poder seguirão formadas, asseguradas e definidas por “algumas” lésbicas específicas.

O objetivo desta revisão foi buscar e apresentar as produções científicas que versam sobre a temática lesbianidades nas revistas científicas da Educação Física, bem como analisar quais lesbianidades estão sendo apresentadas. Essa revisão é um recorte da minha tese de doutorado, intitulada: ““Sapata sim. Às vezes... pra quê, né?": o negociar, o performar e o passar por de profissionais de educação física lésbicas”.

2 Procedimentos metodológicos

Esta é uma pesquisa que se caracteriza como uma revisão narrativa. Os procedimentos metodológicos consistiram em seis etapas: na primeira, buscamos revistas cujo escopo se relaciona nitidamente à Educação Física na Plataforma Sucupira⁷. Na segunda etapa, separamos as revistas com nomes “neutros”, exemplos podem ser a *Podium*, *Kinésis* e *Licere*. Na terceira fase, excluimos as revistas internacionais. Neste levantamento, não consideramos outros idiomas, regiões e países, considerando que o nosso enfoque é justamente o contexto brasileiro.

A quarta etapa consistiu em buscar, nas revistas selecionadas, as produções com os termos de busca estabelecidos: “Lésbica”; “Lésbicas”; “Lesbianidade/s”; “Lesbofobia/s”; “Sapatão” e “Lesbianismo”. O último termo foi utilizado, pois não empregamos o filtro de ano de publicação. Na quinta etapa, ampliamos a busca para as revistas dos estratos de avaliação inferiores (B3 e B4).

⁷ A Plataforma Sucupira é uma ferramenta que busca atualizar, compartilhar informações acadêmicas e realizar análises para o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). Na plataforma encontramos o Qualis Periódico, um sistema utilizado para classificar e avaliar a produção científica dos programas de pós-graduação.

Na sexta e última etapa, selecionamos e estudamos os artigos após a análise dos títulos e resumos. Somente esses artigos e produções foram analisados na íntegra. Cabe mencionar ainda que esse levantamento foi realizado em abril de 2024.

3 Resultados e discussão

Dos 432 periódicos, nenhum com qualis A1, A2 e A3 foi selecionado. Avaliada em Qualis A4, selecionamos a revista *Podium* (Esporte, Lazer e Turismo). Ampliamos a busca para B1, B2, B3 e B4. As revistas B1 e B2 estão organizadas no Quadro 1, as revistas B3 e B4 foram alocadas no Quadro 2. No extrato B1, foram selecionadas as revistas: *Motriz – Revista de Educação Física*, *Motricidade, Movimento* (UFRGS), *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano* e a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (Online).

No extrato B2, as revistas: *Arquivos de Ciências do Esporte, Conexões* (Campinas), *Corpoconsciência*, *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, *Recorde*, *Pensar a Prática*, *Motrivivência*, *Licere*, *Revista de Educação Física* (UEM) e a *Revista Intercontinental De Gestão Desportiva*.

O quadro abaixo mostra os estudos encontrados sobre “Lesbianidades” nas revistas de Educação Física:

Quadro 1 – Revistas e produções encontradas com os termos de busca previamente definidos em revistas Qualis A4, B1, B2

Qualis	Revista	Artigos encontrados		Excluídos	Total
A4	Podium	0		0	0
B1	Motriz	2		2	0
B1	Motricidade	0		0	0
B1	Movimento	3		3	0
B1	Revista Brasileira de Medicina do Esporte	0		0	0

“Pode até ser lésbica, mas precisa escrever essa palavra?": uma revisão...

Maria Clara Elias Polo • Jose Miguel Nieto Olivar • Yara Maria de Carvalho

B1	Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano	0	0	0
B1	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	0	0	0
B2	Arquivos de Ciências do Esporte	0	0	0
B2	Conexões	1	0	1
B2	CorpoConsciência	0	0	0
B2	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	0	0	0
B2	Revista Brasileira de Ciência e Movimento	0	0	0
B2	Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde	0	0	0
B2	Recorde - Revista de história do esporte	0	0	0
B2	Pensar a Prática	1	1	0
B2	Motrivivência	0	0	0
B2	Revista de Educação Física (UEM)	0	0	0
B2	Licere	1	0	1
B2	Revista Intercontinental De Gestão Desportiva	0	0	0
Total	-	7	4	2

Fonte: elaboração própria.

As revistas B3 selecionadas foram: *Revista BioMotriz* (UNICRUZ), *Caderno de Educação Física e Esporte* (Online), *Educação Física em Revista*, *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* (RBEL), *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, *Revista Carioca de Educação Física*, *Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício*, *Revista Kinésis*, *Revista de Educação Física* e a *Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada*.

As revistas B4 foram: *Arquivos Brasileiros de Educação Física*, *Ludopédio*, *Revista Eletrônica Nacional de Educação Física*, *Revista de Gestão e Negócios do Esporte* e a *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*.

Quadro 2 – Revistas e produções encontradas com os termos de busca determinados em revistas Qualis B3 e B4. *O artigo encontrado e incluído no portal Ludopedio foi publicado na revista Enfoques, v. 18, n 2, pp. 247-261, 2021. No dossiê “Olhares Cruzados sobre a Normalização”

Qualis	Revista	Artigos encontrados	Excluídos	Total
B3	BioMOTRIZ	0	0	0
B3	Caderno de Educação Física e Esporte	0	0	0
B3	Educação Física em Revista	0	0	0
B3	Revista Brasileira de Estudos do Lazer	1	0	1
B3	Revista Brasileira de Futsal e Futebol	0	0	0
B3	Revista Carioca de Educação Física	0	0	0
B3	Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício	0	0	0
B3	Revista Kinesis	0	0	0
B3	Revista de Educação Física	0	0	0
B3	Revista de Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada	0	0	0
B4	Arquivos Brasileiros de Educação Física	0	0	0
B4	Ludopédio*	2	1	1
B4	Revista Eletrônica Nacional de Educação Física	0	0	0
B4	Revista de Gestão e Negócios do Esporte	0	0	0
B4	Revista Brasileira de Psicologia do Esporte	0	0	0
Total	-	3	1	2

Fonte: elaboração própria.

Seis artigos foram excluídos. Esses artigos estão dispostos como notas de rodapé com a finalidade de divulgá-los, mesmo que não atendam aos critérios desta revisão. O artigo da revista *Motriz* que encontramos, utilizando o termo “lésbica”, tinha como objetivo tecer discussões sobre o fenômeno do futebol nas aulas de educação física (Oliveira, 2006)⁸. O segundo artigo, da revista *Motriz*, discute gênero e sexualidade na Educação Física escolar⁹,

8 OLIVEIRA, R. O futebol nas aulas de Educação Física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. *Motriz*, Rio Claro, v. 12, n. 3, p. 301-306, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/70/361>. Acesso em: 3 out. 2024.

9 PRADO, V.; RIBEIRO, A. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 402-413, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n2p402>. Acesso em: 3 out. 2024.

sem uma discussão ou “análise” sobre lésbicas, apenas uma menção à palavra “lésbica” no texto completo: a “lésbica masculinizada” que brinca de futebol.

Três produções publicadas pela revista *Movimento* foram excluídas. A primeira se referia a atletas europeias no contexto da Espanha¹⁰, semelhante à segunda exclusão: sobre universitárias espanholas (lésbicas e gays) e autoaceitação¹¹. O terceiro artigo excluído faz uma análise sobre os *Gay Games*; a palavra “lésbica” consta apenas uma vez no texto para justificar a sigla “LGBT”¹². O quinto artigo excluído, da revista *Pensar a Prática*, tinha como objetivo discutir políticas públicas em Goiás, na área de Educação Física¹³. O artigo “São tudo Sapatão” (Kessler, 2020), publicado na RBEL, também foi encontrado no Ludopédio/Arquibancada¹⁴ (duplicado).

A busca seria diferente se incluíssemos os termos “sexualidade” e “gênero”, por exemplo, especialmente nas revistas que fazem interface com as Ciências Sociais e Humanas, que são poucas nos estratos “superiores”, mas que perseveram e persistem: *Movimento*, *Licere*, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* e *Pensar a Prática*. Com o descritor “sexualidade” da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, encontrei três produções que versam sobre “feminilidades”¹⁵, “feminilidades duvidosas”¹⁶, e até usam a palavra “caminhoneira”¹⁷ como exemplo. Estudos que seriam facilmente enquadrados e incluídos nesta revisão. No entanto, são textos comumente acompanhados da palavra “homossexual”. Não existe a palavra “lésbica” explícita, dita-escrita-falada. Quando há menção,

10 PEREZ, B.; GIMÉNEZ, A.; POSADILLO, A. Sexualidade sob suspeita: novas negociações do significado de ser mulher no esporte de alto desempenho. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, e26025, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/96527>. Acesso em: 3 out. 2024.

11 PIEDRA, J. Gays y lesbianas en el deporte: discurso de jóvenes universitarios españoles en torno a su aceptación. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 1067-1081, out./dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/54100>. Acesso em: 3 out. 2024.

12 CAMARGO, W. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1337-1350, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/66188>. Acesso em: 3 out. 2024.

13 FERREIRA, M. O esporte de alto rendimento como política pública do estado burguês: acumulação, a legitimação e exclusão social capitalista nem sempre dissimuladas. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 2, p. 25-43, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/pef/article/view/160>. Acesso em: 3 out. 2024.

14 Ludopédio é uma rede de informações, de pesquisadoras e de interessadas no tema futebol, tendo como foco o diálogo entre o futebol e as Ciências Humanas. É um portal independente e tem como foco a divulgação científica sobre futebol. O periódico do portal chama *Arquibancada*.

15 SOARES, J. P.; MOURÃO, L.; MONTEIRO, I. Corpos dissidentes: gênero e feminilidades no levantamento de peso. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 254-260, jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2017.02.011>. Acesso em: 3 out. 2024.

16 LESSA, P.; VOTRE, S. Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexados nos testes de feminilidade na olimpíada de 1968. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, [s. l.], v. 35, n. 2, p. 263-279, abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000200002>. Acesso em: 3 out. 2024.

17 SILVEIRA, R.; STIGGER, M. P. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 179-194, jan. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000100014>. Acesso em: 3 out. 2024.

é apenas em pouquíssimas citações diretas de *interlocutoras* dos estudos. Justamente por isso, esses artigos não são mostrados na busca com os termos de busca empregados.

Esses artigos que não utilizam a palavra “lésbica” foram produzidos e publicados entre os anos 2013 a 2017. A Figura 1 exibe o resultado final dessa busca. Em 34 revistas, encontramos apenas quatro produções científicas cuja temática se refere às “lesblianidades”, sem filtro de tempo. Podemos observar que as produções científicas encontradas com a palavra “lésbica” e/ou “sapatão” são recentes, publicadas entre os anos 2019 e 2022.

Quadro 3 – Artigos encontrados com os termos de busca estabelecidos para essa revisão

Revista/ Ano	Autoras/es	Título	Objetivo	Lésbicas...quais?
Licere, 2019	Anderson do Nascimento, Alessandro da Silva	Cinediversidade: Uma estratégia de educação para os direitos humanos na Universidade de São Paulo	Proporcionar e explorar a capacidade educativa do cinema para os direitos humanos e diversidade, com o projeto CineDiversidade (EACH-USP).	Foram exibidos filmes de mulheres lésbicas negras, brancas, travestis, trans e <i>queer</i> .
Conexões, 2022	Maria Clara Polo, Jose Miguel Olivar, Giselle Tavares	Práticas corporais e população LGBTI+ na Educação Física: uma revisão de escopo	Mapear as produções científicas sobre práticas corporais e população LGBTI+ no Brasil.	Sem especificar. Empregados termos de busca (“lésbica” e “lesbofobia”).
RBEL, 2020	Cláudia Samuel Kessler	“São tudo sapatão”: Lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro	Refletir sobre lesbianidades no futebol/futsal por meio de dados etnográficos e bibliográficos em contextos de pesquisas brasileiras.	Mulheres lésbicas cisgêneras.
Ludopedio/ Enfoques 2021	Waleska Vigo Francisco	O ‘coming out’ compulsório de atletas olímpicas lésbicas	Analisar e discutir a estrutura heterossexista que cerca o esporte a partir de narrativas das próprias atletas olímpicas lésbicas.	Atletas lésbicas brancas, pretas e pardas.

Fonte: elaboração própria.

Quais lésbicas estão sendo representadas nesses quatro artigos? Notamos que não há diferenças relevantes ou destaque de um grupo específico. Na produção de Anderson do Nascimento e Alessandro da Silva, são apresentados filmes com mulheres lésbicas, *queer*, travestis, brancas, amarelas e negras (Nascimento, Silva, 2019). Kessler, ao início, explica que ela considera mulheres “trans e cis”, no entanto, as análises do manuscrito se referem apenas às lesbianidades cis. Já Waleska Francisco analisa entrevistas com atletas lésbicas brasileiras cisgêneras, e inclui mulheres pretas, pardas e brancas (Francisco, 2021). O “esporte” está mais presente, em termos de contexto e objetivo, com as produções de Claudia Kessler (2020) e Waleska Francisco (2021).

Realizamos essa busca intuindo os resultados: na “sopa de letrinhas” (LGBTQIAP+), as lésbicas e os estudos sobre lesbianidades ainda não alcançaram os assuntos, as pautas e as temáticas em revistas de estratos considerados altos e/ou “mais valiosos”, em termos de pontuação, e é uma temática que ainda se mostra tímida. As especificidades sobre mulheres lésbicas no mundo da produção da Educação Física seguem a mesma tendência de outras áreas do conhecimento, especialmente se nos referimos às transgeneridades.

Quando resgatamos a história dos estudos sobre lesbianidades, estes seguiram a tendência do século XIX, quando eram tratados como “apêndice da homossexualidade” (Oliveira; Mattos, 2018). O que, por consequência, posiciona as reflexões lésbicas em um espaço mais recôndito que a subjetividade. Adrienne Rich (2012) é incisiva em suas afirmações: quanto mais consideramos a homossexualidade de maneira homogênea, mais contribuímos para o apagamento da existência lésbica dentro da academia e fora dela.

O pensamento hegemônico heterossexual invadiu e colonizou a academia, e dominou/domina também o pensamento de esquerda dentro das instituições de pesquisa. O aporte epistemológico e a tentativa “decolonial” de revistas da Educação Física que fazem interface com as Ciências Sociais e Humanas, por exemplo, não escapa do androcentrismo da Ciência e não afasta, também,

o pensamento heterossexual das pesquisas¹⁸. O que notamos com base neste levantamento nas revistas avaliadas na área de conhecimento Educação Física, e após pesquisar autoras que escrevem sobre o pensamento lésbico em outras áreas do conhecimento, é uma constante dificuldade em penetrar as hierarquias desse mundo de representações sociais que não necessariamente compõem a normatividade.

E podemos ir mais além: quem se interessa em trabalhar com/ pensar com¹⁹/ produzir com mulheres lésbicas? Será que para pesquisar sobre lesbianidades precisamos estar em dia com o “combate” e a “luta”, e pautar nossas vidas tão-somente com base em políticas de identidade? Por exemplo, *Lésbicas estudam lésbicas* e são responsáveis por levar esse conhecimento à frente... para somente *outras lésbicas* – com aparentes cristalizações? Bem, essa noção produz espaços a formas e técnicas mais sofisticadas de discriminação (Mogrovejo, 2020).

O que se passa é aquilo que as pensadoras paradigmáticas de ideologias que representam as tendências principais no pensamento lésbico, como Adrienne Rich, Cheryl Clarke, Audre Lorde, nos alertam: o chamado “silenciamento epistêmico”. Esse impedimento comunicativo interpretado como um processo de subjugação (sócio-histórico) e extermínio de saberes relacionados a grupos de indivíduos específicos. Nesse caso específico, nós, lésbicas. Qualquer teoria ou criação cultural/política que trate a existência lésbica como um fenômeno marginal ou mesmo “natural”, como mera “preferência sexual, como uma imagem espelhada de uma relação heterossexual ou de uma relação homossexual masculina seria, portanto, profundamente frágil, independente de qualquer contribuição que ainda tenha” (Rich, 2003, p. 13).

Ainda, sobre a necessidade de olhar para “quais lésbicas” estamos falando/escrevendo-sobre/trabalhando com, a autora explícita, em seu famoso ensaio “Heterossexualidade Compulsória

18 Esse aporte decolonial visibiliza, de certa forma, o pensamento de mulheres negras e lésbicas nos estudos científicos, chicanas, latino-americanas, feministas... é certo. Até porque a teoria decolonial surge como forma de questionar o pensamento hegemônico (DARIVA; LIMA; BATTESTIN, 2022).

19 A ideia do hifenismo “com” é uma referência à fala de Strathern em *The Gender of the Gift*, em que ela diz: “importa quais ideias usamos para pensar outras ideias (com)” (STRATHERN, 1990, p. 10).

e existência lésbica”, que nos programas acadêmicos as lésbicas negras, chicanas, são apagadas por um duplo viés: do racismo e da homofobia/lesbofobia (Rich, 2012).

Ao encontrar apenas quatro artigos com os termos de busca específicos, pode-se assumir que há uma ordem na construção de saberes não-hegemônicos e silenciamentos específicos. Estudos sobre lésbicas pertencem a um cartucho quase que sem tinta de pesquisa, produção e publicação – especialmente comparando-os com o genérico “esporte e LGBT+”, por exemplo, que podemos observar um interesse crescente, representado pela criação de dossiês e chamadas de publicação temática de revistas. Assim como não podemos apagar o fato que a figura representativa Tiffany, mulher trans jogadora de vôlei de alto rendimento, estimulou, estimula e seguirá instigando discussões relacionadas ao esporte e às transexualidades (Garcia; Pereira, 2019; Paes; Moas, 2018; Saddi; Veronez, 2022)

Para além do campo da Educação Física, o artigo recente de Bianchi apresenta um levantamento de produções científicas que versam sobre o pensamento lésbico nas principais revistas com enfoque em Gênero e Sexualidade no Brasil. Utilizando os marcadores “lesbiana”, “lésbica”, “lesbianidade” e suas flexões, foram encontrados apenas 17 artigos e 2 dossiês. Embora os dossiês apresentem um importante movimento de estudos feministas, os artigos encontrados possuem um caráter ativista, pautam temas como descolonização, resistência e lesbianidade em sua diversidade. O interessante é o dossiê “Sapatão é revolução”, em que as referências e o número de autores citados masculinos nos artigos que o compõem ultrapassam o número de citações de autoras do sexo feminino (Bianchi, 2019).

Ainda no estudo de Bianchi, a autora indica, em termos de geopolítica do conhecimento, quão pequena é a quantidade de artigos teóricos sobre o pensamento lésbico traduzido para o português na academia científica, mesmo que os coletivos feministas façam a tradução sem apoio editorial e disseminem o conhecimento em outros âmbitos para além do espaço acadêmico. Dessa forma,

a barreira do idioma, somada ao recrudescimento de práticas hegemônicas, que sustentam o multiculturalismo teórico, racializado e exotizante, mesmo dentro de espaços ditos decoloniais, acabam por invisibilizar o pensamento lésbico.

Por essas (e por outras) a importância do uso da palavra “lésbica”. Defendemos a importância em utilizar a palavra explicitamente a fim de marcar uma diferença importante nas práticas que possuem em comum à homossexualidade. Dessa forma, toda produção que visa a discutir e trazer à tona as lesbianidades (assim como o próprio ato de ser lésbica) pode ser reconhecida como um projeto político que permite compreender como o *cistema* heterossexual e as relações de poder nele imbricadas se manifestam em nossos corpos e vidas.

4 Considerações Finais

Esta pesquisa teve por objetivo apresentar o que vem sendo produzido e publicado sobre a temática de lesbianidades nas revistas científicas da área de conhecimento Educação Física. Apesar dos esforços crescentes e do interesse em canalizar o pensamento lésbico como uma prática de mobilização dos movimentos feministas, as produções que versam e abordam a temática *lesbianidades*, ou mesmo textos/projetos éticos-políticos concebidos por autoras e/ou pesquisadoras lésbicas, ainda ocupam um espaço periférico e tímido na Educação Física.

Apesar de acreditar em práticas subversivas e na possibilidade de *ao menos* professoras das ciências socioculturais e pedagógicas da Educação física *estranharem* essa ausência de produções relacionadas às lésbicas, entendemos que é difícil identificar o que é efetivamente subversivo nessas práticas, especialmente porque podemos continuar reafirmando estruturas de poder já existentes nesses campos sociais fundamentados na cis-heteronormatividade.

Contudo, se fazemos parte da universidade (*cistema* acadêmico), é importante problematizar a respeito e escrever sobre nossas formas de existir e resistir na Educação Física com o propósito de

chamar a atenção sobre o que temos perpetuado, seja no âmbito epistêmico, seja no formativo, no que tange à construção de saberes não-hegemônicos, com intuito de, como Zuleide Silva e Rosangela Araújo propõem: *lesbianizar a ciência* (Silva; Araujo, 2021).

Essa é uma iniciativa e operação necessária para des-cis-heterossexualizar sistematicamente o cenário acadêmico-científico, no sentido de romper com uma lógica fixa a uma identidade – (homem, branco, cis, hétero...) –, de modo a enfrentar e superar a lesbofobia e a transfobia produzidas pelo pensamento hétero. Com efeito, tornar visível a *existência* de lésbicas cis e trans na academia e no campo de produção científica da Educação Física.

Referências

BIANCHI, N. Conhecimento lésbico: um ensaio sobre a visibilidade na ciência. In: SOARES, M. R.; BRANDÃO, S.; FARIA, T. (org.).

Lesbianidades plurais: abordagens e epistemologias sapatonas. Salvador: Devires, 2019. p. 172.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão de identidade. Tradução: Renato Aguiar. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, J. **Quem tem medo do gênero?** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

CUNNINGHAM, G. B. **Sexual orientation and gender identity in sport:** Essays from activists, coaches, and scholars. Texas: College Station, Center for Sport Management Research and Education, 2012.

CUNNINGHAM, G. B. Understanding the experiences of LGBT athletes in sport: A multilevel model. In: ANSHEL, M. H.; PETRIE, T. A.; STEINFELDT, J. A. (ed.). **APA handbook of sport and exercise psychology, volume 1:** Sport psychology. Washington: American Psychological Association, 2019. p. 367-383.

CURIEL, O. El Lesbianismo Feminista en América Latina y El Caribe: una propuesta política transformadora. **La Haine**, [s. l.], p. 1-9, 2007. Disponível em: https://www.lahaine.org/mm_ss_est_esp.php/el_lesbianismo_feminista_una_propuesta. Acesso em: 3 out. 2024.

DARIVA, B. G.; LIMA, B. H. de; BATTESTIN, C. O PENSAMENTO DE ANÍBAL QUIJANO E ENRIQUE DUSSEL: crítica à Modernidade como aporte decolonial. **Cadernos Cajuína: Revista Interdisciplinar**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/571/553>. Acesso em: 3 out. 2024.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Volume 4. 1. ed. São Paulo: Editora 54, 1997.

FRANCISCO, V. O 'coming out' compulsório de atletas olímpicas lésbicas. **Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 247-261, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/31695>. Acesso em: 03 out. 2024.

GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. A trajetória pessoal de Tiffany Abreu no esporte de alto rendimento. **Movimento**, [s. l.], v. 25, e25032, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.82941>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/82941>. Acesso em: 3 out. 2024.

GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 3 out. 2024.

HARTMANN-TEWS, I. *et al.* **Sexual orientation, gender identity and sport**: Selected findings and recommendations for action. Scotland: FIS – Publikationen Sexual orientation, gender identity and sport, 2019. Disponível em: https://fis.dshs-koeln.de/portal/files/5042847/OUTSPORT_SCOTLAND_WEB.pdf. Acesso em: 3 out. 2024.

KESSLER, C. S. “São tudo sapatão”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 45-62, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/26962>. Acesso em: 3 out. 2024.

MARCHI JÚNIOR, W. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/jlasss.v5i1.43890>. Acesso em: 3 out. 2024.

MARIANTE NETO, F. P.; WENETZ, I. Mulheres no Boxe: negociações de masculinidade(s) e feminilidade(s) na academia. **Movimento**, [s. l.], v. 28, p. e28004, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/111694>. Acesso em: 3 out. 2024.

MOGROVEJO, N. O queer, as mulheres e as lésbicas na academia e no ativismo em Abya Yala. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pensamento feminista hoje: Sexualidades no Sul Global**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 400.

NASCIMENTO, A. M. do; SILVA, A. S. da. Cinediversidade: uma estratégia de educação para os Direitos Humanos na Universidade de São Paulo. **LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 647-684, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2019.15353>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/15353>. Acesso em: 3 out. 2024.

OLIVEIRA, R. O futebol nas aulas de Educação Física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. *Motriz*, Rio Claro, v. 12, n. 3, p. 301-306, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/70/361>. Acesso em: 3 out. 2024.

OLIVEIRA, L. S.; MATTOS, A. R. Diálogos sobre Lesbianidades. Uma breve incursão histórica e análise das produções recentes. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 7-28, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9089>. Acesso em: 3 out. 2024.

PAES, E.; MOAS, L. O masculino, o feminino e o esporte – O projeto de lei João Nery e um olhar sobre a jogadora de vôlei Tiffany. **Revista TransVersos**, [s. l.], n. 14, p. 133-149, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/44826810/O_MASCULINO_O_FEMININO_E_O_ESPORTE_O_PROJETO_DE_LEI_JO%C3%83O_NERY_E_UM_OLHAR_SOBRE_A_JOGADORA_DE_V%C3%94LEI_TIFFANY. Acesso em: 3 out. 2024.

POLO, M. C. E.; OLIVAR, J. M. N.; TAVARES, G. H. Práticas corporais e população LGBTI+ na Educação Física: uma revisão de escopo. **Conexões**, Campinas, v. 20, e022007, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8666520>. Acesso em: 3 out. 2024.

RICH, A. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence (1980). **Journal of Women's History**, Indiana, v. 15, n. 3, p. 11-48, 2003.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [s. l.], v. 4, n. 5, p. 17-44, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 3 out. 2024.

SADDI, T. F.; VERONEZ, M. Transgêneros: direitos adquiridos e inclusão através do esporte de alto rendimento: análise do caso Tiffany. **Unisanta Law and Social Science**, Santos, v. 11, n. 1, p. 178-191, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/index.php/lss/article/view/2708>. Acesso em: 3 out. 2024.

SILVA, Z. P.; ARAUJO, R. J. C. Pensamento lésbico: uma ginga epistemológica contra-hegemônica. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n382446>. Acesso em: 3 out. 2024.

SILVEIRA, V. T.; VAZ, A. F. Corpo Feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 212-222, 2014a.

SILVEIRA, V. T.; VAZ, A. F. Doping e controle de feminilidade no esporte. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 42, p. 447-475, 2014b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420447>. Acesso em: 3 out. 2024.

STRATHERN, M. **The Gender of the Gift**: Problems with women and problems with society in Melanesia Studies in Melanesian. Londres: University of California Press, 1990.

SWAIN, T. N. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 12, p. 109-120, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634809>. Acesso em: 3 out. 2024.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf>. Acesso em: 3 out. 2024.

WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S.; DORNELLES, P. (org.). **Educação Física e Gênero**: desafios educacionais. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2013.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.



“Pode até ser lésbica, mas precisa escrever essa palavra?": uma revisão...

Maria Clara Elias Polo • Jose Miguel Nieto Olivar • Yara Maria de Carvalho

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.